

QUARTA-FEIRA
Lisboa - 5 de Novembro - de 1930

5 TOS TÔES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

233



sempre
fi

semanario
humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SOBRANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A ARTE CULINARIA DE MATAR GENTE

RESTAURANTE MIXORDIA & MISTELA

ALTO [de S. João] AQUI!!

ESMERADO SERVIÇO DE ENVENENAMENTO.
TOXINAS DAS MELHORES PROCEDENCIAS
PETISCOS VARIADOS E AVARIADOS.

HOJE HA TRIQUINOSE

MICROBIOS DE 1ª QUALIDADE

**ESPECIALIDADE EM CARNES COM
- AFTOSE GARANTIDA -**

Abóbora coberta... de larvas
Manjar Infernal
Pingos de tocha da AGENCIA MAGNO

GABINETES RESERVADOS (COVAL SEPARADO)
BELA SALA DE JANTAR (VALA COMUM)



Não é comer para viver; é comer para esticar o perfil!



Os ditos da semana



Felix Correia Felix Correia, nosso camarada — um camaradão no «Fixe» e no «Diário de Lisboa» — despediu-se ha dias da vida de solteiro, porque vai casar.

Todos nós ali fomos ao restaurant Roma, dar-lhe o abraço de despedida, numa opiparra ceia de requintado menú, porque está estabelecido que as homenagens hão-de ser sempre acompanhadas de trincadeira. De trincadeira e de algumas bebidas. E aqui não podemos empregar outra palavra, como fizemos para as comidas, afim de não falsear a verdade.

Felix Correia despediu-se, mas fica ao contrario de toda a gente que, quando se despede, é para se ir embora.

Felix Correia fica e ainda bem para nós e para os nossos leitores. Para nós porque é um camarada com quem dá gosto trabalhar; para os nossos leitores, porque continuará a ser o «Homem dos Timbales» como é obvio.

Quanto á despedida da vida de solteiro é uma coisa sem importancia. Aquilo faz-se para as noivas terem a impressão — pobres ingenuas — de que um rapaz que se casa muda de vida e nunca mais vai a ceias, nem a pandegas, nem a frescatas. Quere dizer — a primeira mentira dum homem casado é impingida ainda em solteiro... na ceia de despedida.

A Mercêdes Quando se diz a Mercêdes, é como quando se diz o Afonso: já se sabe que se trata de Mercêdes Blasco ou de Afonso Costa.

Pois a Mercêdes, que pelo apelido não perca, acaba de publicar mais um livro — «Uma mulher que acreditou no amor». O livro é, como ela própria o declara, «para o coração de todas as mulheres e para a consciencia de certos homens».

«Uma mulher que acreditou no amor», não é a Mercêdes, porque ela foi, pelo contrario a mulher em quem o amor se acreditou, segundo ela própria nos tem contado nos seus imensos livros, em que o amor brinca com as

mulheres e com os homens, como um gato familiar brinca com o novelo dentro dum cesto de costura. Noutros tempos foi a Mercêdes o gato traquina que brincou com o novelo do amor, enrodilhando-o de tal forma, que bastantes corações se viram aflictos para o desembaraçar. Mas ela agora novos destinos segue.

Dentro do cesto da literatura, não embaraça, não enrodilha, não confunde, porque a sua prosa, cada vez mais fluente, mais clara e mais brilhante, é um novelo muito bem dobrado a que não é difficil encontrar o fio.

Emfim, houve «Uma mulher que acreditou no amor», e o leitor pode afoitamente acreditar no valor da Mercêdes. E' ler este seu ultimo livro.

Fumo Vai celebrar-se, no proximo mez de novembro o centenario de Jean Nicot, o introductor do uzo do tabaco em França. Quer isto dizer que ha 100 anos que os francezes fumam, mas nós fumamos ha muito mais tempo, visto que fomos nós que

ensinamos Jean Nicot a fumar.

E ainda ha quem diga que o fumo se destaz num momento.

O fim Estamos no ultimo acto da revolução brasileira.

Getulio Vargas entrou no Rio de Janeiro triunfalmente e a pé enxuto, o que é de pasmar, tratando-se do Rio.

Agora falta apenas acertar as coisas, limar arestas, estabelecer um governo mais ou menos provisorio, que faça umas eleições diferentes das outras.

E assim, uma revolução que parecia dever eternisar-se, acabou dum momento para outro, porque os que iam ser vencidos tiveram a habilidade de se transformar em vencedores, o que é muito mais catita.

Mas, porquê? Porque acabou a revolução?

Porque os federais tiveram uma inspiração sublime: mobilisaram os bombeiros o mandaram-nos apagar o fogo.

E é que apagaram mesmo.

Lei seca Os americanos verificaram este ano, com grande magua, que o alcoolismo fez muito mais victimas com a lei seca, do que no tempo em que toda a gente bebia quanto lhe apetecia, sem limitações e sem medo duma lei tão draconiana que faz com que os americanos não mandem nem nas suas proprias guelas.

Não ha duvida que o fruto proibido é sempre o mais desejado.

Entre nós dár-se-hia exactamente o mesmo.

Os bebados são o que são, são o que nós sabemos e vemos por ahí todos os dias, mas teriamos de multiplicar por mil, se se decretasse a lei seca em Portugal.

E senão é ver: Antigamente, no tempo em que as mulheres andavam vestidas, os rapazes novos, batiam-se como leões, por meio palmo de perna de mulher e sabiam cumprir as leis de Deus e as leis dos homens, ás vezes até com uma avidez tão desconcertante que, quando adregavam de ir de abalada por essa Europa fóra, raziavam furor e mostravam-se bem dignos descendentes dos homens que passaram inda além da Taprobana, meteram lança em Africa e conquistaram a India. Mas, mal começou a moda do nú, isto é, quando as novas Evas foram vender maças para as praias do Estoril, em cuecas, começou a aparecer essa nova fauna de meninos que olham para aquilo tudo como cão para vinha vindimada.

São os inconvenientes da fartura.

No dia em que as mulheres se vestirem os leões aparecerão outra vez, o que quer dizer: os rapazes estão a pedir lei seca. Eles depois a molharão.

Perguntas sem resposta Porque é que não se pode tirar o casaco dentro dos barcos do lago do Parque Eduardo VII?

Quando é que a figura de Lisboa, do Monumento a Pomal, acaba de tirar a camisa?

O FADO



Leia amanhã

KINO

--Muito gosto eu de ouvir cantar a minha desgraça!...

Leia amanhã

KINO

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ALDINA

Por vezes, a morte chega mais cedo. Procura a beleza ou a mocidade. Dum golpe indifferente corta uma vida, e logo abala em bicos de pés, na coarbadia da noite, que deixa ficar tudo exactamente no mesmo lugar: as almas e as cousas. A morte de Aldina é uma voz que se extingue no teatro. Uma voz alta, quente, florida e doce como o espirito da nossa lingua, de poetica essencia. Não era bonita, mas tinha um sorriso que o era. A sua esbelta figura, a sua fisionomia um pouco anguloza davam-se bem com os veludos negros da opereta, e com as tintas sonoras da revista. Viveu com simpatia e morreu em beleza. A sua existencia feliz levava-a para o palco comunicando ao publico, numa mancheia de sorrisos. Quere isto dizer que a mulher era a actriz e a actriz a mulher. Das duas, ficou apenas uma recordação. E, como tudo, ela morrerá tambem. Daqui a um mês quem se filhitos que só mais tarde sabetida em plena mocidade? Os lembrará da pobre. Aldina abatida em plena mocidade? Não, não é assim! E os filhitos que só mais tarde saberrão que ela morreu? E quem lhe fechou os olhos com amor? E a sua voz, a sua voz «trevo de 4 fôlhas», timbrada e macia, posta a correr nos discos, como se ela estivesse aqui a nosso lado, cantando, ressuscitada de entre os mortos?

DIZ-SE que o Emauz anda muito arreliado com a demora da estreia do «Pato Marreco». Não é caso para tanto! Estes bichos em terra andam muito devagar, mas quando se apanham dentro d'agua, nadam que é um prodigio de velocidade. Questão de elementos mezoologicos!

Ao meu Menino vai suceder o meu Papá e depois naturalmente o meu Avô. Não sabem os factores é que não é arbitraria, caso pertençam todos á mesma familia. Os

que nascem primeiro deviam ser os ultimos. Mas não faz mal! Não se pergunta ainda hoje:—qua, apa-receu primeiro, o ovo ou a galinha? «SUA ALTEZA» continua a reinar, mas os «revoltados» rugem... Sinal dos tempos, que assegura o feliz exito de duas peças.

BREVEMENTE o «Noticias Ilustrado» fará ás actrizes o seguinte inquerito: «qual foi a maior emoção que teve na vida?»

Reputamos a pergunta preciosa, mas algo indiscreta. Se todas respondessem com o coração nas mãos, pobre da viscera! Mas—estorjar os dentes—nenhuma falará de si, para falar de teatro. O grande amor é sempre o primeiro...

CONSTA que um benemerito está disposto a gastar oito mil contos na construção dum teatro em Lisboa.

Mesmo na Rotunda. Talvez fosse melhor no Alto de Santa Catarina... a vêr navios...

JÁ chegaram a Lisboa os artistas da Companhia Amarante-Satanela. Escaparam de boa! Para outra vez têm que ir para o Brasil com seguro de vida...

DIZ-SE, e nós não acreditamos—que uma artista do teatro alegre vai entrar num recolhimento estrangeiro. Em França estes casos de consciencia... reclamativa são frequentes, mas em Portugal é o primeiro. Por isso mesmo é que não damos nada pela existencia da tal Ofelia!

NO POLITEAMA, ali ás portas de Santo Antão, abriu um novo estabelecimento, que se denomina «Mandarim Chinês». Frequencia desuzada e preços baratos. Até se dá «chá» a quem gastar dois mil e quinhentos numa geral. Pede-se a atenção do publico para a colecção de «biscuits», saxes, servres—tudo louça fina.

AGORA as revistas puzeram em moda o nu—que foi uma coisa que, felizmente, nunca desapareceu da terra, mesmo vestido. No Variedades o publico deu o «cavaquinho» por ele. No Maria Vitoria tambem abunda o paradisiano. Não ha duvida! A raça precisa destes quadros plasticos para se animar, combatendo todas as inversões da natureza que por aí andam! E já não é sem tempo!

A PROPOSITO: quando se acaba nas secções teatrais com a antipatica expressão de co-autores? Não será melhor colaboradores?

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

Familia Teatral



— Você já foi ao «Meu Menino?»
— Não, nem vou ao «Meu Papá». Espero pelo «Meu Cunhado».

SCENAS DA SCENA

«Um morto»

Ha anos, quantos não sei, mas ha já muita dezena, O Reis (Pac), que apresentel aos meus leitor's noutra «scena», — resolveu ir ao Estoril, farto do azar citadino, tentar a sorte subtil sobre as bancas do Casino. Chegado ao Caes do Sodré entrou na estação, sorriu; correu junto dum «guichet», comprou bilhete e... partiu. No Casino, perdeu tudo... Então, conforme fazia, conservou-se vendo, vendo,

que a ganhava e quem perdia. Nisto, chamou-lhe a atenção um «morto», e Reis preparou-se para lhe deitar a mão... Mas alguém adiantou-se, retirando o dinheirinho como tombado do ceu!... O Reis vê o caso tórto... Porém, não perde o meral, e avança, e diz-lhe, baixinho: — «O meu amigo: olhe que eu tambem ganhava e amortei, e acompanho o funeral...»

SILVA TAVARES.

Graça dos outros

Suicídio frustrado:

—Que faz o senhor nessa arvore, balouçando-se numa corda?
 —Quero enforcar-me.
 —Mas, então tem que passar a corda ao pescoço...
 —Foi o que eu fiz, mas faltou-me o ar!...

Entre amigos:

—O medico adivinhou tudo que tu tinhas?
 —Tudo. Tinha cinquenta escudos na algibeira e foi quanto ele me pediu pela consulta!...

Ela—Idiota!
 Ele—E' um insulto!
 Ela—E' uma verdade!
 Ele—Ah, tu crês isso?...

A avó—Quem te ensinou essas palavras tao feias?
 O neto—Ninguém. São minhas!



T. S. F.

—O menino tome cuidado com aquele aparelho, porque tem parasitas.
 —Qual parasitas? Isto é uma caixa que tem dentro chocolates Nestlé para eu comer e para concorrer ao 4.º concurso.



—E' pena que não seja um cão de raça.
 —Não diga isso, minha senhora. Este cão até é de má raça.

PROSA DE CHAVELHO

A corrida do seculo XVII ainda da de si! Ainda que seja de ha três seculos, foi ha uma semana e, para mim, parece que ainda foi ontem, de tal modo estou ainda sob a sua impressão. E que grande impressão tudo aquilo me causou!

Não direi que me tenha surpreendido o Magno Cêche, porque já o conhecia de anteriores corridas mais ou menos a antiga portuguesa.

Mas rebolei-me todo ao ver a milicia de archeiros, com a grande e grande lata, na ponta, e a frente um pifaro côxo e dois tambores, tambem bastante côxos. E quando, pifaro e atambores, se subordinaram contra o capitão, a cavallo, e desandaram a andar para um lado, e o capitão a cavalgar para o outro!

E que vos direi daqueles forcados, forcados a fazerem a casa da guarda, e quasi a gritarem «O' da Guarda» em duas arremetidas de torcos do sr. Trancas? Depois lá se compuzeram, tomando precauções, porque depois da casa da guarda arrombada, Trancas á porta...

Em certa altura numerosa cavalgada entra pelo portão dos cavaleiros, limpa-se da poeira, tira

uma chapelada ao Manuel dos Santos.

—O sr. de Aguilar?
 —Eu sou! — responde o cavaleiro do mesmo nome. E toureia como pode, bem como o outro seu colega amator.

Mas, eis que chega Ricardo Teixeira, com a arte com que toureou em Castela.

—Benvinda seja ela!
 Luciano filho, de capinha ao ombro e plumas no chapéu, crava atrevidos pares de bandarilhas.

—E a Justiça de mim o que deseja? — disse um tal Marques a quem a policia marcou como insubordinado.

—Nós, os velhos, tambem temos o triste jus da vossa idade — diz Luciano Paí, dando ar á pluma.

E como a poesia metia Castela, apareceu o Pepe Bienvenida, de «muleta», porque foi colhido recentemente.

Além de todos estes jomens do seculo XVII, tivemos ainda o neto que, por acaso, era filho do saudoso José Bento.

Enfim, meus filhos, a corrida do seculo XVII teve a sua corrida em ósso, e a carne não valeu nem dezasete vintens.

Correspondentes alheios

SINTRA — Lord Byron descobriu os encantos maravilhosos da nossa serra e cantou as belezas dos suburbios, mas esqueceu-se de considerar esta terra como antelocal das delicias nupciais. De facto, contam-se aos milhares os himineus efectivados cá no lugar.

AMARANTE — Terra devéras apreciada pelo que vale, dispõe de um saboroso Pão de Ló e uma picante Agua Pé, exportando com felicidade estes generos para o Brasil.

MANTEIGAS — Este democratico rincão não teme a concorrência das ilhas; pede sómente para não a confundirem com sêbo mais ou menos margarineo.

CAI AGUA — Uns automobilistas que foram forçados a «rallentir» a marcha aos 5 quilometros de média horaria, ficaram totalmente cobertos de poeira, porque, sendo raro chover cá no sitio, as estradas estão muito poeirentas.

VALENÇA — Cada vez mais interessante nas linhas de inconfundível graça, Valença que se aprecia com justiça dá-nos bons planos de observação que a todos os nossos leitores predispõe agradavelmente. O ambito de Valença não está restricto ao Minho, corre todo o Portugal e até chega á Belgica, com agrado unanime.

POMBAL — Vimos apelar para as ligas columbinas, no sentido de povoarem melhor a nossa terra. Pombos de papo de vento, temos poucos, mas em compensação abundam os papo-sêcos.

MACEDO DE CAVALEIROS — Estranhámos encontrar poucos cavaleiros nos nossos caminhos. Ha quem diga que isso é compreensivel pela automobilofilia que todos os dominios invade.

BATALHA — Cada vez se regista com mais entusiasmo o aparecimento de inumeras ondas de turistas que voluntariamente e com agrado se acêrcam dos nossos limites.

ALEXANDRE SETTAS.



— Não achas que os casados vivem mais que os solteiros?
 — Ache. O tempo parece-lhes mais longo.



— Que dizes tu á tua mulher quando estás...
 — Nada. Ela é que diz tudo.

O poder da logica infantil

O Zeca não se calava nunca às primeiras. Não se dava facilmente por convencido. E tinha, por vezes uma logica de ferro. Naquelle dia tantos pulos tinha dado com a Mariquitas no jardim, que os dois já estavam mais vermelhos que dois pimentões.

O pai da Mariquitas, temendo que tais excessos lhe fizessem mal, chamou-os repreensivo e depois de lhes proibir que continuassem naquela doidice, concluiu:

— Sim, porque a menina deve pensar que dessa forma, nunca consegue engordar.

— Mas não faz mal, paisinho— disse ella ainda a vêr se a coisa passava—o medico disse á mãesinha que eu estava bem pesada para a minha idade...

— Bom, mas assim não pode engordar e acaba ainda por perder o peso que tem — tornou o pai.

— Não, paisinho, nem preciso de engordar. Já estou bem e posso mesmo emagrar um bocadinho.

— Emagrar! Emagrar não, minha filha, emagrecer e que se diz.

Foi então que o Zeca que tinha seguido a scena atentamente e estava a vêr a altura em que mais conviria a sua intervenção de forma a evitar que a decisão paterna fôsse por diante, pendo termo á brincadeira, disse muito senhor de si e certo de que não daria bota, como a irmã:

— Eu tambem acho que não lhe faz mal emagrecer e tambem não precisa de engordecer; está muito bem assim.



— **Vê se fechas essa cancela.**
— **Para quê?**
— **Então tu não vez que o teu irmão está tomando banho.**

RESPOSTA A' LETRA

O Carlitos ouvira dizer que isto de mandar vir meninos de França era uma coisa facil.

Uma simples carta ou requisição para qualquer das fabricas da especialidade e estava o assunto arrumado.

E como achava que sosinho não podia fazer em casa sufficiente chinfrim, já que era tão facil arranjar-lhe um mano com quem pudesse brincar, não compreendia porque se recusavam a fazer-lhe es' vontade.

E por isso quasi todas as manhãs seringava o pai com igual pedido: que lhe encomendasse quanto antes um irmão, fosse ele como fosse, branco, preto, ás riscas, de qualquer côr; com tanto que alguém pudesse colaborar nas suas tropelias.

O pai tinha por isso tambem de engendrar todo os dias nova desculpa, que lhe pudesse fundamentar a sua intransigente recusa e a sua inexplicavel negligencia.

Varios pretextos, falta de tempo, afazeres, vinham todas as manhãs lançar um balde de agua fria sobre todos os esperanças pedidos do Carlitos.

Mas certa manhã o pai, contra

o seu costume, caiu na asneira de dizer que sairia só depois do almoço, por lhe terem começado as ferias.

Carlitos não quiz ouvir mais nada; olhou o pai e declarou:

— Ora ainda bem, então pode ser hoje.

— Pode ser hoje o quê?—extranhou o pai, sem se lembrar do que seria.

— Pode escrever hoje a mandar vir o mano;—acrescentou logo o pequeno radiante—hoje tem muito tempo.

— O' filho, agora não; mesmo para estar agora a escrever já não ia neste correio e... depois olha... parece-me que a caneta não tem tinta...

— Mas eu vou buscar o tinteiro, paisinho, e o pai molha...

— Mas não, essa tinta não serve; não vês que e preciso uma tinta especial para estas canetas de tinta permanente.

— O' pai—disse então o pequeno, justamente admirado—mas então se a caneta não tem tinta, não é de tinta permanente!...

Dr. A.

Elevador da Gloria

Na rua:
Ela—E' o rapaz que ontem estava no cinema, ao meu lado!
A mãe—Parece muito sério.

Ela—Nem por isso. Em lugar de me beliscar, passou a noite a comer os chocolates que eu tinha no bôlso...

A mãe—Para que queres o despertador?

O Julinho—Para o avô. Adormecem-lhe os pés...

Ela—Doutor, tenho visões horribéis!

Ele—Venda todos os espelhos que tem em casa!

Ela—Então tu vens para casa, só com metade da barba feita?

Ele—E' que primeiro queria saber se tu gostavas...



— Sabes? meu pai comprou um Fox-terrier ás malhas pretas e brancas!

— Poi: o meu comprou uma coisa melhor.

— Então; que foi?

— Uma linda caixa de chocolates Nestlé para eu poder concorrer ao 4.º concurso.



— A mulher, como um animal, temem todo o mundo.
— Cessa! É o que se chama um estúpido de homem.



— Ah então o vês tem avareza, 70 anos e 400 milhas de peso.
— Não sabia... Na tantos anos a tomar chocolate.

O Homem que ri

O Homem que ri, ca do Fixe, não é filho, nem por suposição, do gaulês que se inspirou na Nossa Senhora de Paris. Não. Este homem que ri, ri de tudo cá da nossa terra, até da folha oficial... E também se chama Hugo!

Ontem, abriu a bocarra e riu alvarmente com a anedota do João Sá, que penaliza lá para o Porto, que muita honra nos dá em ser a nossa segunda capital.

Ela aí vai:

«Uma vez um homem mentiroso disse para outro:—Eu já vi uma couve que tinha 100 metros quadrados.»

—Não me admiro nada—disse o outro—pois ontem ajudei a fazer uma caldeira que tinha 50 metros quadrados.

—E para que era essa caldeira, tão grande?—preguntou o mentiroso.

—Para coser a couve que tu viste ontem.

O mentiroso ficou de cara ao lado.

E' esta anedota parecida, ou não, com o aporuguesado Rocio na rua da Betesga?

Eufim: tudo se come, mesmo a couve.

Parecida com a do mentiroso e esta toda salerosa:

«Uma vez um espanhol disse para um português:—A minha patria tem mais regularias do que a tua. Nós temos optimos cafés, luxuosos casinos, corridos electricos, aviões sem azas, luzidas touradas e bancos sem falencias.»

—Não me admiro nada—disse o cá do Fixe—nós também temos no mostrador mais horas do que as tuas.

—Ora, essa...

—Sim, sim. A Espanha quantas heras tem?

—Vinte e quatro.

—Pois nós temos vinte e sete.

—?!

—E' como te canto. Além das 24 sem carpintaria, sobram as do Ora bolas! Ora, pudera, não... Ora, foram todos os espanhóis corridos em 1640».

E nuestro hermano ficou de cara á banda.

O homem que ri, chorou de magua...

Agora, a ultima do Hugo, para não ser a do Belo Redondo:

«Quando trabalhava na construção dum arranha ceus na Calle de Bienvenida, um operario, perdendo o equilibrio caiu sobre um candieiro, duma altura de 100 metros. Ao entrar no nabo—porque os candieiros de lá são cobertos como os de cá—ficou atonito e exclamou:—Ah! que estou na Gracia de Dios. Enterrei-me e não sofri nada.»

Não ha duvida: os nabos espanhóis são sempre mais duros do que os portugueses!

Salvo seja—dizemos nós.

IVINHO.



—Toma juizo, senão dou-te um agote!

—Isso é que eu queria ver! Se me bate, não lhe dou do meu chocolate Nestlé que comprei por causa do 4.º concurso.

LIÇÕES DE LITERATURA

A POETICA

Como os meus caros alunos muito bem não sabem, visto que nada aprenderam com a minha clara e explicita lição elementar, vou exemplificar a factura da poesia vulgar, também chamada verso, talvez porque é nas costas que a gente sente a grande inspiração, que nos é comunicada pelo mar.

E já que falámos em costas, seja o Mar o inspirador dum trecho literario que nos vá servir de exemplificação:

O MAR

«O mar é lindo! Nas verdes ondas molham as pernas damas gentis! Sempre indo e vindo, nas suas viagens, que graça têm... são tão bonitas... No Estoril, na Caparica, em Matozinhos, que linda vista que se disfruta! São ás centenas, uns bijousinhos...»

A gente pensa: que boa fruta! Entram na agua tão vaporosas... Como palpitam, leves, ligeiras! E as ondas também botões de rosas... Da minha magua, sa' um queixume:

—Ondas maganas, ondas ligeiras, tenho ciume da vossa lingua!»

Agora uma hipotese, uma «faze de conta»:

Suponhamos que o aluno, muito baboso, em qualquer praia do Norte ou do Sul, na Costa Verde, na «Costa das Rosas», na Costa do Sol, na Costa Amarela, se viu azul ante a exposição de pername e esguichou dum jacto aquele primor literario.

Pode fazê-lo á sua vontade, que não paga nenhuma multa nem é levado aos Pequenos Delitos.

Leu, gostou, porque os gostos são relatorios de companhias de seguros e rir quem está seguro do que faz por si, e achou que era mais bonito fazer all mesmo um soneto.

Muito facil: seguindo o nosso método, basta dividir aquilo em 14 partes iguais, substituir algumas palavras para conseguir as rimas e mandar para o jornal da sua simpatia o seguinte

SONETO

que, certamente, lhe não publicam porque são estúpidos, visto que é o melhor que se pode arranjar:

O Mar é lindo, nas verdes ondas Molham as pernas damas catitas...

Sempre indo e vindo, nas suas rondas, Que graça têm! São tão bonitas!

No Estoril ou em Matozinhos (1) São ás centenas, uns bijousinhos... Que vista linda que se disfruta (2) E a gente pensa: Que boa fruta!

Entram na agua, tão vaporosas!... Como palpitam, leves, ligeiras... E as ondas também botões de rosas!...

Da minha magua sa' um queixume: —Ondas maganas, ondas bréjeiras, Da vossa lingua tenho ciume...

Como dizemos, o soneto fica mesmo, mesmo, bom... para deitar fora.

Antes disso, para vê se péga, o aluno agarra no que fez, torna a desfazer, volta do avesso, estica, passa a ferro, e faz uma poesia mais comprida, com as mesmas palavras que pode ficar assim, por exemplo:

O mar é lindo Nas ondas róxas (3) Molham as cóxas Damas catitas Sempre indo e vindo Reparem bem Que graça tem! São tão bonitas!

No Estoril Na Caparica Que vista rica Que se disfruta São mais de mil Na praia imensa E a gente pensa: —Que boa fruta!

Entram na agua Tão vaporosas Botões de rosas Leves, ligeiras... Da minha magua Saí um queixume Só com ciume Dessas bréjeiras...

Nesta segunda poesia, não se meteu a lingua. No entanto, o aluno, com mais ou menos trabalho, praticando no exercicio, acabará por metê-la em qualquer parte...

RUY DE ORTEGA.

(1) Cortou-se a Caparica para não entender de mais...
(2) E' preciso catitela com estas rimas.
(3) Pode dar-se ás coisas a bór que se quiser. E' uma liberdade poetica.



—Torna-me lá a chamar ladra, minha feliceira de má morte!... —Ah! Chamas-me feliceira? Então é porque adivinhei o que tu és...

Uma jura sagrada

Aquele lar mais sereno que um guarda nocturno, era agora constantemente perturbado pelos arufos dos esposos Natividade. As zaragatas eram permanentes como as canetas de tinta.

O senhor Natividade, comerciante pouco mais ou menos honesto da nossa praça, andava com umas poucas de pedras em cada sapato, ácerca da honorabilidade da sua dulcissima esposa. Ele que até á data fóra tão feliz nos negocios e no lar, ruminava agora desconfianças sobre desconfianças. A felicidade que lá reinara tanto tempo, ausentára-se subitamente sem dizer nada ao Natividade.

A tortura dominante do Natividade era a traição da esposa. Sim porque ela atraçava-o. Disso tinha ele a certeza. Uma mulher que dantes se óse lavava de quinze em quinze dias e agora todos os domingos dava barreira. E havia ainda mais indícios. Pequenos nada mas que bem demonstravam a perfidia da ex-nobre senhora.

O Natividade nunca conseguira descobrir nada de positivo, mas na sua ausencia entrava-lhe em casa um estranho. Pensou ainda em fazer umas surpresas, aparecer em casa de tarde, mas o outro realmente podia lá estar e era um grande sarilho, o que não se dava com o seu feitio pacifico.

* * *

Nasceu lindo e poetico aquele domingo de abril. O sol beijava a terra com os seus raios fulvos e quentes. Nas arvores os pardais assobiavam a «Lavadeira de Canecas». Havia pregões pelas ruas saindo dos peitos saos, dos vendedores doentes e a carroça do lixo com o seu badalar monotono, chamava á porta das ruas as criadas respectivos caixotes do lixo. Toda esta poesia não encontrava eco na alma acrisolada do Natividade. Agora já quasi que tinha a certeza da adulterização da sua esposa e nesse mesmo dia ao jantar o Natividade não pode mais e tratou de arrancar-lhe a confissão.

—Diz-me esposa concretamente perfida quem é o teu amante, trovejou ele numa arrancada heroica.
—Amante eu? O Natividade, tu desculpa que eu te diga directamente, mas tu por assim dizer estás doído.

—Antes do estivesse. Diz-me, declara-me já o nome desse bandido. Quero saber quem ele é, para evitar de me encontrar com ele na rua.

Sua pobre esposa, corava até á raiz dos calos e não respondia.

—Ah!, gargalhou convulso o Natividade, o teu silencio diz-me tudo. E' então verdade.

Não, tudo o que tu dizes não é verdade. Tro-te.

Pelos olhos do Natividade passou um relampago de esperança e se realmente tudo fósse mentira, se ela estivesse mais pura que o vinho do Poço do Bispo? E num impeto bradou-lhe:

—Juras! Tu juras? E porquê?

—Oh! filho. Juro pela tua saúde.

E o Natividade num alívio.

—Ah! se juras então está bem.

Na rua, o alegre dia de abril continuava lindo, os pregões saindo de peitos saos do vendilhões punham uma nota de alacridade, e os pardais de cima das arvores cantavam: agora aquele tango celebre «Pato».

FERNANDO D'AVILA.

Preço de assinatura

Continente e Ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestral:	13\$00
Colónias portuguezas...	Trimestral:	8\$00
	Semestral:	13\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

Cacharollete em verso

Aquella festa animada,
Aquele bravo duelo
Que ha entre o touro e o espada,
Difere hoje, um quasi nada,
Dos tempos de Frascuelo.

E' coisa bem verdadeira
Que passam todas as modas,
E hoje, com «sangre» toureira,
Faz-se a sorte de cadeira
Numa cadeira de rodas.

Ha quem um novinho mate
Depois da preparação
Com a muleta escarlate,
Arrastando-se p'lo chão,
Que parece um «cul-de-jatte!»

Este reparo me vem,
Por vêr que os processos velhos
Ja os não segue ninguém,
E o séstro que hoje se tem
E' tourear de joelhos.

Quando o «espada» destemido
Apeinha ante os touraços,
Deixa o povo convencido
Que aquillo deve ter sido
Promessa ao Senhor dos Passos.

JOAO FERNANDES.

Por toda a parte ha banzé,
chanfalhadas e prisões,
nas margens do Itararé,
e em todas as regiões.

E a senhora D. Paz
toma como coisa vã
as cantigas que lhe faz
o Amalides Brandi.

Nunca no mundo houve tanta
loucura p'lo arriamento
como desde a l'ra santa
que conta o desarmamento.

E nem sequer é preciso
ser profeta ou adivinho,
para se vêr que o jairo
anda mesmo pardalinho.

A última novidade
é um cruzado aéreo
que num dia uma cidade
transforma num cemiterio.

Quem me dêra, meu amor,
quando a trombete se ouvir
a anunciar tal horror,
ter «cazas»... para fugir!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Um engano natural

O Pedrito, aos 5 anos, ia muitas vezes a uma casa onde uma vistosa gaiola com um pintasilgo lhe atraia a atenção.

Ele, em casa, tinha gaiolas com canários, tinha mesmo um papagaio, tinha pombos; mas os seus encantos iam todos para o referido pintasilgo.

Sempre que lá ia com a mãe ficava a olhar curiosamente o passarito.

Até que um dia, não podendo mais conter-se, ao sair de novo, com a mãe, da tal visita, supplicou:

— O' mãesinha, eu queria ter tambem uma gaiola com um passarinho daqueles.

— Mas tu já tens lá em casa uns poucos de canários—disse a mãe— e cantam até melhor do que estes.

— Mas eu queria era um igual áquele... Eu queria era ter um assim. Queria que a mãesinha me arranjasse tambem um Pinto da Silva como aquelle.

DESSPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal

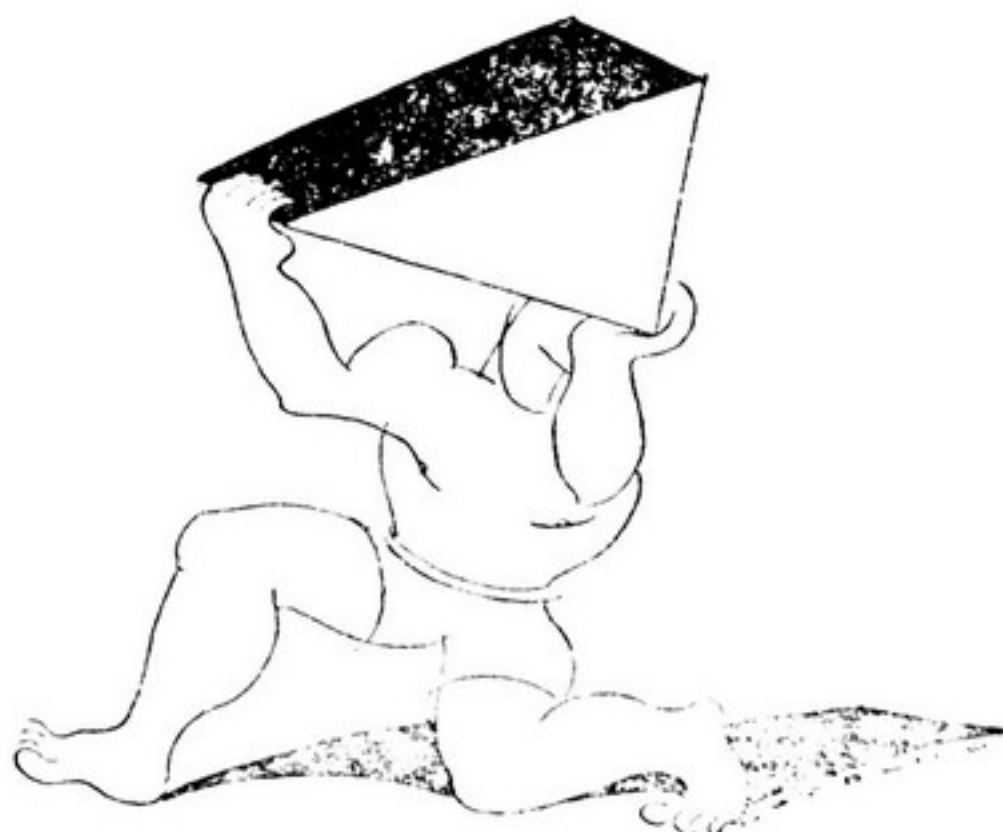
Em Roma, cheio de esplendor
Diz a historia, não sou eu,
Houve um grande imperador
Que chegou, viu e venceu.

Sem em Roma governar
Tambem venceu cá na terra.
E o nome dele a jogar
Andará sempre na berra.

Dizem que vóa, está bem,
Não é nada de estranhar
Ha muita gente que tem
A mania de voar.

E' azul fixe, seguro.
Daquelle que não destinge.
E' bom rapaz, mas eu juro
Que ás vezes de fera finge.

ZE' MARIA



...Pouco tempo



depois de ter tomado os primeiros comprimidos cessou todo o meu mau estar e no dia seguinte pude cumprir com os meus deveres parlamentares. Desde então não deixo de possuir a CAFIASPIRINA Bayer, que conquistou não só a minha admiração como tambem a de toda a minha familia, a qual, seguindo o meu exemplo, recorre a ela sempre que disso tem necessidade.

Assim pensa um como tantos outros.
Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bom estar, alivia o cerebro e não afaca o coração nem os rins.

Taboletas de Lisboa

Lojista de alta bagagem,
que tem talento a pôdo:
na taboleta-miragem
pós «Aquí vendem-se todos
os artigos de viagem»

Entra um parinho fiavel,
de aspecto nada pelintra,
que faz compr's a grandel,
pós quer ir pa-sar a Sinta
a doce lua de mel.

Compram malas e malotes
de pequeno e grande bóje,
malas, carterias e carretas
e até mesmo uma linda caçôja
com tinteiros e canetas...

No fim, diz elle: «Se tem
p'ra viagem tudo á escolha,
desejo comprar tambem
um combô novo em folha,
só p'ra nós—e mais ninguém»

Muita gente barafusta
ao vêr que um original
na rua de Santa Justa
pez «Fruta de Portugal»

Mas o reclamo biontra
diz tudo mais sem ap'lo,
p'lo «escreva» n'otra n'otra
Linda quinta de nós todos.

Porque Portugal é quinta
de nós todos, que ch'adica
e que n'umam me desminta,
dêra ter fruta de graça!

Por isso, eu bruto sem vez,
estando na fazenda
vôra a quinta e de todos nos,
dêra ca frutal... que é minha l'ra.

ANTONIO AMARGO.

Silva Tavares



“O livro do nosso amor”

Foi posto á venda alcançando grande successo
Vende-se em todas as livrarias
Pedidos á administração do
“Diario de Lisboa”, Rua da Rosa, 57, 2”

Liquidação Grafonolas portateis

Vendem se, em bom estado, a Esc. 425\$00 cada, a pronto pagamento, e a Esc. 475\$00 em prestações semanais de Esc. 35\$00, com fador. Estes aparelhos custavam Esc. 600\$00.

Para vêr e tratar
Antonio Rodrigues Pires
RUA DOS CAVALEIROS, 106 E 108

Querels dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

ELOS DA SEMANA

NA EXPOSIÇÃO DAS ESPIGAS ALGUMAS ERAM TAM FERTEIS QUE PASSADOS DIAS DERAM PÃES - MUITO CURIOSAS A ABOBORA "CARLOS SIMÕES"



UM FETO ENCONTRADO NA BIBLIOTECA

PÃO LORETO 1º PREMIO

E AS BETERRABAS "BARAHONA" - O HOMEM MAIS TEIMOSO DE PORTUGAL

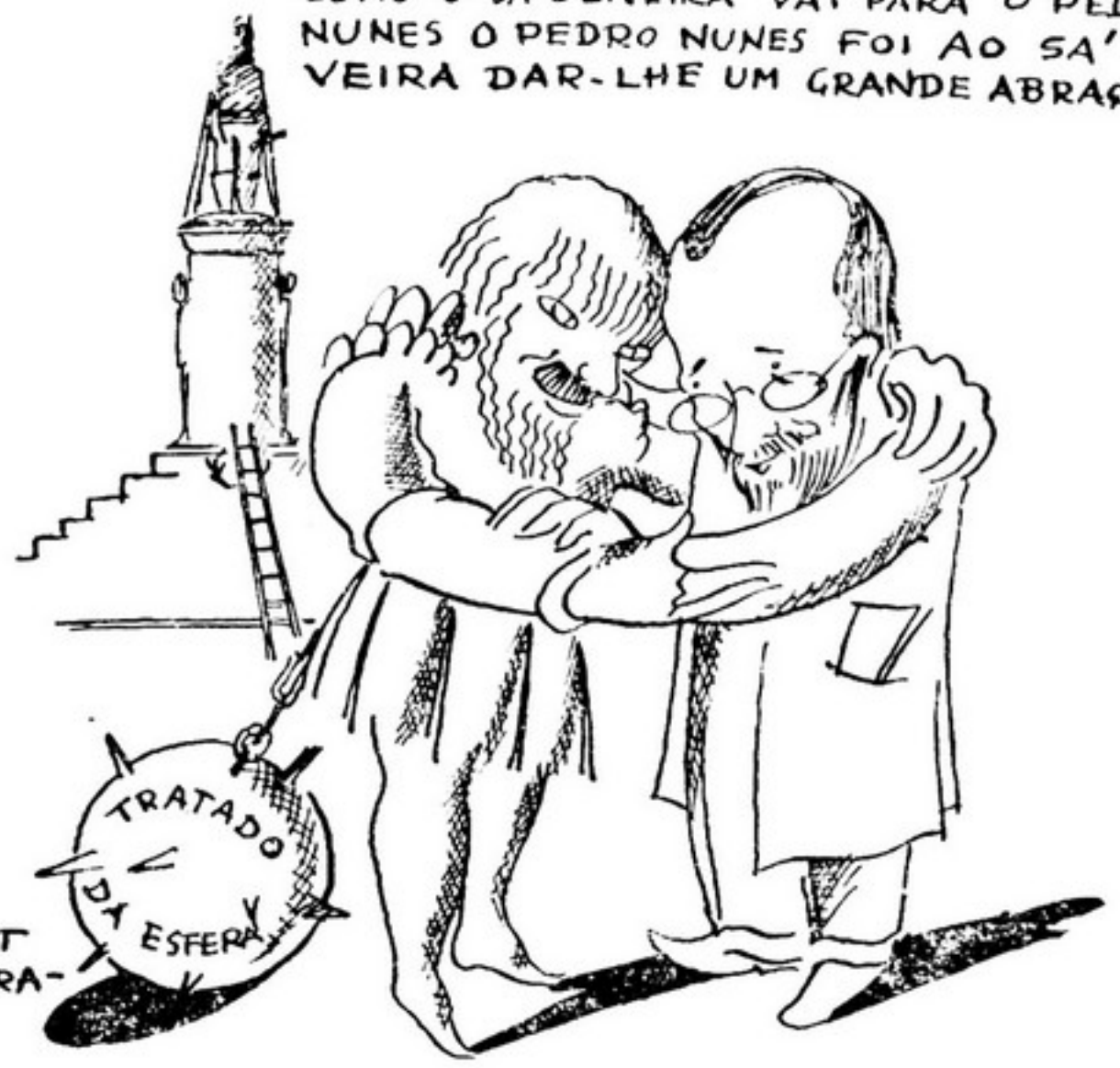
ALGUMAS EVOLUÇÕES POR UMA EX-QUADRILHA DE CEGONHAS, DEDICADAS A "BROCARD"



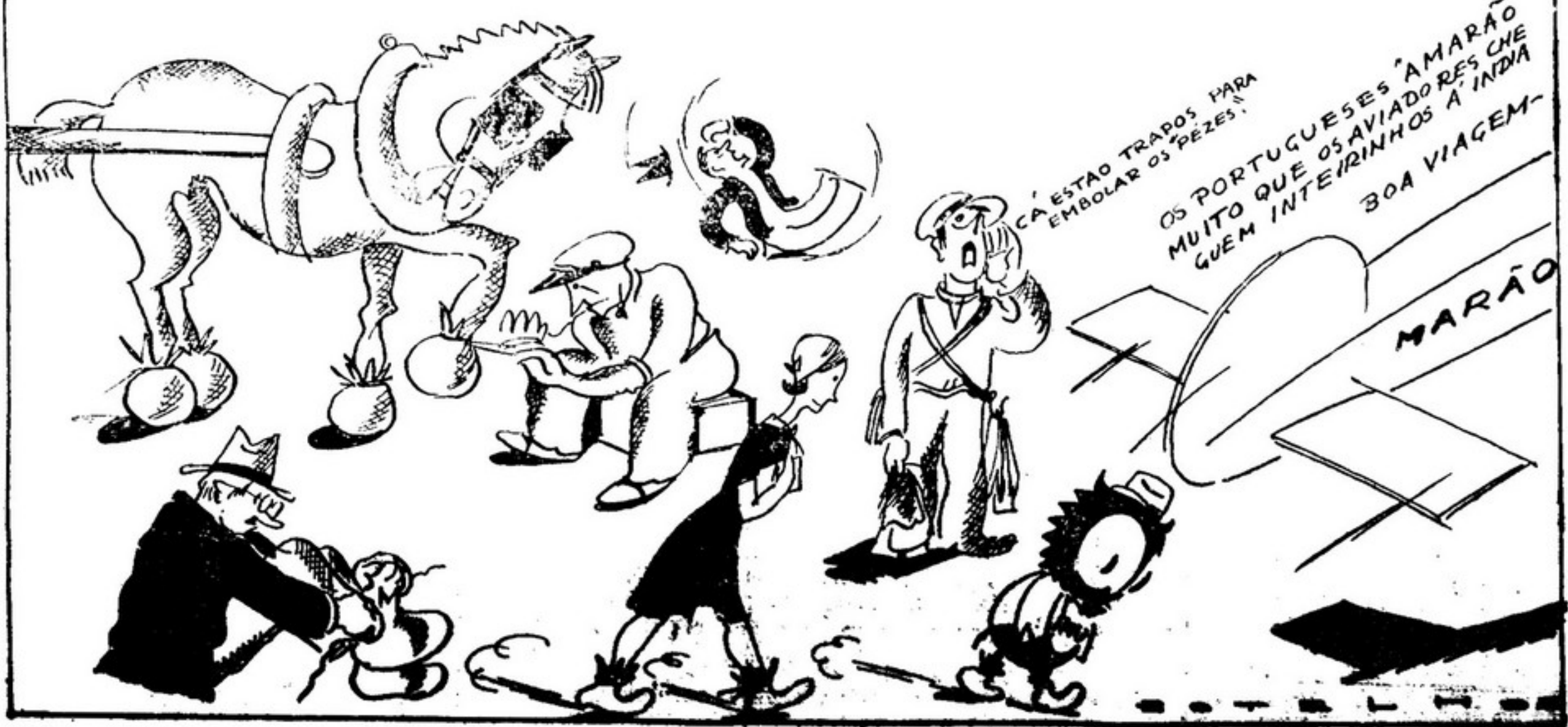
RANA ET BOVIS
MUSSOLINI QUER SER O MUNDO MAS O PIOR É O ESTOIRO



COMO O SA OLIVEIRA VAI PARA O PEDRO NUNES O PEDRO NUNES FOI AO SA OLIVEIRA DAR-LHE UM GRANDE ABRAÇO



SE ALGUMA BESTA TEM NECESSIDADE DE SUBIR A RUA ESCORREGARRETT TEM DE EMBOLAR AS PATAS EM SARAPILHEIRA - CONSTA QUE OS PEÕES VÃO ADOPTAR O MESMO SISTEMA -



OS PORTUGUESES AMARÃO MUITO QUE OS AVIADORES CHEGUEM INTEIRINHOS A INDIA BOA VIAGEM -